

PROJETO DE LEI Nº DE 2017

(Da Sr.^a JANDIRA FEGHALI)

*Inscreve o nome de **Nise Magalhães da Silveira** no Livro dos Heróis e Heroínas da Pátria.*

O CONGRESSO NACIONAL decreta:

Art. 1º Fica inscrito o nome de Nise Magalhães da Silveira no Livro dos Heróis e Heroínas da Pátria, depositado no Panteão da Pátria e da Liberdade Tancredo Neves, em Brasília, Distrito Federal.

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

JUSTIFICAÇÃO

O art. 1º da Lei n.º 11.597, de 29 de novembro de 2007, determina que: “O Livro dos Heróis e Heroínas da Pátria, depositado no Panteão da Pátria e da Liberdade Tancredo Neves, destina-se ao registro perpétuo do nome dos brasileiros ou de grupos de brasileiros que tenham oferecido a vida à Pátria, para sua defesa e construção, com excepcional dedicação e heroísmo.

O Panteão é depositário de um livro de aço no qual se registram os nomes dos brasileiros e brasileiras que tiveram destaque na história do país, de modo que a sua memória seja preservada para as futuras gerações.

Em dezembro de 2015, com a sanção da Lei 13.229, Leonel de Moura Brizola foi inscrito no Livro dos Heróis da Pátria que ainda conta com nomes como Getúlio Vargas, Tiradentes, Santos Dumont, Almirante Tamandaré e Zumbi dos Palmares. São nomes, sem dúvida, merecedores de tão alta distinção. A mesma Lei reduziu o tempo necessário para que uma personalidade seja homenageada no *Livro dos Heróis da Pátria* após sua morte, de 50 para 10 anos.

Apesar da participação das mulheres em todas as lutas libertárias em nosso país, apenas Ana Néri, Bárbara Pereira de Alencar, Anita Garibaldi, Clara Camarão, Jovita Feitosa e, mais recentemente, Zuzu Angel, tiveram seus

nomes reconhecidos como heroínas da Pátria. O presente Projeto de Lei pretende homenagear mais uma brava mulher, Nise da Silveira, ao propor a inscrição de seu nome no Livro dos Heróis e Heroínas da Pátria.

A história e o trabalho de Nise da Silveira são bastante conhecidos e a importância de seu legado no tratamento de transtornos mentais ficou evidente em audiência pública realizada pela Comissão de Cultura. Na ocasião, tivemos a oportunidade de conhecer um pouco mais de sua luta e de seu empenho em transformar os tratamentos agressivos e nada resolutivos a partir de um novo olhar sobre os pacientes.

Para Nise, a experiência em manicômios mostrou que havia uma confusão entre hospital psiquiátrico com cárcere, com os pacientes tratados como presos. Aversa a essa abordagem foi incansável defensora de um olhar humanista. Nise apontou falhas na psiquiatria, contestou práticas e demonstrou soluções, dando novos contornos e sentidos aos tratamentos e às relações entre psiquiatras e pacientes. Em seus 94 anos de vida, a alagoana publicou dez livros e escreveu uma série de artigos científicos.

A Dr.^a Nise nasceu em Maceió, no dia 15 de fevereiro de 1905. Em 1920, concluiu o então curso secundário e, logo depois, foi para Salvador para tentar o ingresso na Faculdade de Medicina da Bahia. Ela só tinha 15 anos. Em sua turma eram 157 homens e ela. Seu primeiro encontro com um doente mental se deu quando cursava o 4º ano do curso que ela assim descreveu: *“Tratava-se de um pobre mulher, presa e condenada por homicídio, mas que não passava, afinal, de uma grande delirante, de uma louca. Conheci muitas outras pessoas doentes mentais, mas aquela, por ser a primeira, fez-me uma forte impressão.”*

Nise se formou médica aos 21 anos. No período em que permaneceu no Hospital da Praia Vermelha, como médica residente, pode constatar não ser verdadeira a tese que tratava os esquizofrênicos como pessoas sem afetividade. Neste período diz ter descoberto um *“mundo de pessoas incríveis”* e sua vocação para a psiquiatria.

Dizia ela:

“Você não pode querer compreender alguém estabelecendo apenas uma maneira de se aproximar dele. O importante não é a linguagem, é se comunicar com o outro. Se não, é como falar em português com um árabe.”

Em 1936, foi presa por fazer parte da União Feminina Brasileira. No mesmo ano, foi levada ao DOPS e transferida para o presídio da Rua Frei Caneca, lá ficando até junho de 1937. Sobre o período ela relata que foi extremamente marcante, *“fiquei com mania de liberdade”*.

Depois de anos na clandestinidade e, com a onda de democratização no país, Nise foi readmitida no serviço público em abril de 1944. Foi quando se rebelou contra uma série de tratamentos utilizados como o eletrochoque e a lobotomia. A partir daí “a rebelde” fez de sua vida a busca por tratamentos diferenciados o que culminou com a fundação, em maio de 1946, da seção de Terapêutica Ocupacional e Reabilitação. Oficinas de costura e sapataria, esporte e teatro, marcenaria, jardinagem, tapeçaria e pintura passaram a fazer parte da rotina dos doentes mentais.

Nise percebeu que as artes plásticas eram o canal de comunicação com os pacientes esquizofrênicos graves, que até então não se comunicavam verbalmente. As obras produzidas por eles davam “voz” aos conflitos internos que viviam.

Dos ateliês para a utilização de animais como coterapeutas, Nise promoveu uma verdadeira revolução não só no tratamento das pessoas com transtornos mentais, mas também na visão que os outros tinham sobre elas. É certo afirmar que ela foi um divisor de águas entre um tratamento desumano e que retirava as pessoas do convívio social para o acolhimento e a humanidade de um tratamento que buscava, verdadeiramente, compreender o universo daquelas pessoas e ajudá-las.

Entre 1971 e 2014, recebeu 29 homenagens, entre títulos, medalhas, comendas, prêmios e diplomas. Quinze instituições foram criadas a partir de seu trabalho, entre elas o Museu de Imagens do Inconsciente, no Rio de Janeiro. Luiz Carlos Mello, diretor do Museu e autor da fotobiografia “Nise da Silveira – Caminhos de uma Psiquiatra Rebelde”, informou que o acervo

peçoal de Nise da Silveira é tombado como Memória do Mundo da Unesco. *“Com a criação do Museu, também como um centro de estudos e pesquisa, seu acervo atingiu mais de 360 mil obras e se tornou a maior e a mais diferenciada coleção desse tipo de arte no mundo. Suas principais coleções foram tombadas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.”*

As poucas palavras aqui contidas, a título de justificar a homenagem proposta, são insuficientes para termos ideia do alcance de seu trabalho. São um relance de uma vida dedicada a transformar uma realidade de confinamento.

“Aprendi muito com os loucos e isto vem a atrapalhar um pouco o conceito de razão. Fala-se na fonte da sabedoria e na fonte da loucura. Mas elas não são duas. Não há fontes separadas, está tudo muito próximo. De vez em quando uma pessoa ajuizadíssima comete um ato de loucura que, felizmente, diz muito a ela própria sobre sua forma.”

Pelo exposto, é mais do que justificada a inscrição de Nise da Silveira do Livro dos Heróis e Heroínas da Pátria, motivo pelo qual espero contar com o apoio dos nobres pares para a aprovação da presente proposição.

Sala das sessões em, de dezembro de 2017.

Deputada Jandira Feghali

PCdoB/RJ